

Catarina Furtado

O QUE VEJO  
E NÃO ESQUEÇO

a esfera  dos livros

## ÍNDICE

PARTE I – EU E OS OUTROS . . . . .	11
<b>CAPÍTULO 1 – Crescer solidária . . . . .</b>	<b>13</b>
1. Respeitar a diferença . . . . .	13
2. Olhar à volta . . . . .	17
3. As mulheres do Bairro Alto . . . . .	23
4. Outros mundos . . . . .	26
5. Influências cruzadas . . . . .	32
6. Reflectir os contrastes . . . . .	37
7. Não desistir das pessoas . . . . .	40
8. Sentir o preconceito . . . . .	42
<b>CAPÍTULO 2 – O sentido dos meus passos . . . . .</b>	<b>47</b>
1. A grande lição. . . . .	47
2. E agora? . . . . .	49
3. Primeiro a voz, depois tudo . . . . .	51
4. Uma imagem maior do que eu . . . . .	54
5. A fuga para Londres. . . . .	57
<b>CAPÍTULO 3 – O reencontro . . . . .</b>	<b>63</b>
1. Ousar sentir e decidir . . . . .	63
2. As primeiras causas . . . . .	66
3. O convite das Nações Unidas . . . . .	70
4. Uma missão . . . . .	75
5. Da teoria à prática . . . . .	80
6. Experiências-limite. . . . .	85
7. Corações coroados. . . . .	90

PARTE II – UM MUNDO QUE É NOSSO... E QUE PODEMOS MUDAR . . . . .	99
<b>CAPÍTULO 1 – Mulheres inferiores entre iguais . . . . .</b>	<b>101</b>
1. Derrubar o preconceito . . . . .	101
2. Empurrar mentalidades . . . . .	108
3. Investir nas mulheres . . . . .	115
4. Dar vida sem morrer . . . . .	121
5. Combater a violência . . . . .	131
6. Construir projectos de vida . . . . .	136
7. Promover competências . . . . .	142
8. Estender a mão . . . . .	146
<b>CAPÍTULO 2 – Jovens: O futuro começa hoje . . . . .</b>	<b>151</b>
1. Ensinar através da arte e no respeito pela natureza . . . . .	151
2. Carregar as armas de Malala . . . . .	160
3. Abraçar gerações . . . . .	168
4. Levar a mensagem . . . . .	175
5. Inspirar pelo exemplo . . . . .	181
<b>CAPÍTULO 3 – HIV/SIDA: a pandemia evitável . . . . .</b>	<b>187</b>
1. Vencer mitos e preconceitos . . . . .	187
2. Agir pela prevenção . . . . .	194
3. Amparar a dor e o abandono . . . . .	199
4. Cuidar dos que ficam . . . . .	204
<b>CAPÍTULO 4 – Catástrofe: Quando se perde o chão . . . . .</b>	<b>217</b>
1. Renascer da Água . . . . .	217
2. Responder à Natureza . . . . .	228
3. Reerguer um país . . . . .	234

A quem dedico?

Às pessoas únicas que me alimentaram a convicção de que a vida só faz sentido se estivermos atentos aos outros. Se for partilhada e se se traduzir numa constante defesa dos direitos humanos.

A todos aqueles e aquelas que esperam justiça neste Mundo. E a todos os outros que em Portugal ou noutra canto do planeta dão os passos certos que estão ao seu alcance no sentido da mudança. Que olham para lá do seu umbigo e da fronteira do seu país.

Ao meu grande cúmplice, amigo de momentos únicos e autor das fotografias do livro, Ricardo Freitas. À Alice Frade, à Alanna Armitage, à Ana Torres, à Ana Magalhães, ao Rui Calapez. E a todos os meus amigos que me dão tanto mimo.

À minha família. À minha mãe, ao meu pai e à minha irmã Marta. Ao meu marido João e aos meus enteados, filhos especiais do coração, Maria e Kiko. Aos meus filhos, o meu oxigénio, Maria Beatriz e João Maria, sem os quais não imagino a minha vida e pelos quais daria a minha vida.

PARTE I

EU E OS OUTROS

# Crescer solidária

## 1. Respeitar a diferença

Cuspi-lhe na cara. De baixo para cima, com toda a energia que os meus nove anos permitiam. Faltou-me capacidade de argumentação perante aquela mulher mais velha, ali sentada na toalha, estendida na areia, fixada no mar, que tão decidida pedia que nos afastássemos. «Tire-me *isso* daqui!», disse-me. Senti-lhe a repulsa nos olhos e a urgência nos gestos. Foi tudo muito rápido. Não me lembro de alguma vez ter olhado para o menino-adulto com trissomia 21, com quem tinha andado a brincar nas ondas e ali estava ao meu lado, com o corpo encharcado como o meu e a pele aquecida pelo sol, como se de um *isso* se tratasse. Que queria a tonta da senhora dizer com aquela expressão tão cheia de má educação? Eu conhecia de cor os modos delicados do Tó, sabia-lhe o prazer de comunicar com quem nos rodeia, desejando um «bom dia», desafiando «um beijinho» ou soltando um «como vai?»... O Tó só queria dizer-lhe «olá», dar-lhe um aperto de mão. E aquela recusa mesquinha, injusta, ostensivamente agressiva, foi mais do que conseguia aguentar.

Cuspi-lhe na cara e fugi. Fugimos os dois, corremos de mão dada pela praia e desaparecemos dali.

A minha mãe assistiu a tudo, de longe. Estávamos numa das praias da Costa de Caparica, uma das opções da Cooperativa de

Ensino Especial e Solidariedade Social (Crinabel) para as saídas de Verão com as crianças – a minha mãe era professora, nesta escola. Saíamos cedo de Lisboa, de autocarro, passávamos a manhã na praia e depois almoçávamos na mata, ficávamos por ali à tarde. Eu ia muitas vezes com a minha mãe: espalhava o creme protector nos meninos, levava-os a tomar banho ao mar pela mão, ajudava a dar os almoços e, sobretudo, brincava com eles. Começou por ser uma coisa natural, a «filha de professora de Trabalhos Manuais e Educação Visual» também ia, mas acabou por tornar-se uma espécie de ocupação solidária de tempos livres. Convenci três amigos a acompanhar-me e, mesmo nos dias em que a minha mãe não estava destacada, não faltávamos, organizávamos jogos, peças de teatro, danças colectivas... sentíamos que éramos úteis, eles ficavam muito contentes e nós aprendíamos tanto, sem sequer termos consciência disso.

Na verdade, nós éramos crianças que os compreendíamos bem. Adoravam-nos e foi-se tornando um bom vício, de tal maneira que mais tarde nasceu um programa de voluntariado jovem para fomentar essa partilha entre as crianças ditas «normais» e os outros meninos com paralisia cerebral, autismo, trissomia 21 e diferentes tipos de alterações genéticas.

O episódio da *cuspidela* não passou despercebido a ninguém. A minha mãe ficou perplexa. Apesar do meu espírito irrequieto, nunca tive manifestações de agressividade, antes pelo contrário, nos boletins de informação para os encarregados de educação, o espaço dedicado às apreciações globais iniciava quase sempre com a frase «A Catarina é uma criança muito bem-educada» e continuava... «mas muito distraída».

É engraçado como vejo hoje no meu filho João Maria, de sete anos, o que eu era: traquina, com um mundo próprio, sensível e aventureira, trepava às árvores, subia aos muros, deixava a minha mãe muitas vezes ansiosa com os meus impulsos arrapazados, com a minha atracção pelo perigo. O meu pai guarda um postal do Dia

do Pai, feito por mim aos dez anos, onde lhe pedia para «esquecer o passado! As malandrices que eu fiz, já não vou fazer mais».

De facto, tinha uma atitude destemida, inconsciente e optimista que me levava a acreditar em asas invisíveis e anjos protectores (mais tarde descobri quem eram... as minhas avós em Terra e as minhas avós depois de terem partido para o Céu), mas, ao mesmo tempo, tinha também um lado bastante responsável e socialmente não dava problemas.

Acho que a minha mãe ficou dividida entre o dever maternal de condenação didáctica do comportamento e uma certa empatia pela minha atitude de revolta. Não fui castigada. As outras professoras exultaram, indignadas com o gesto de discriminação gratuita e, contra todos os cânones de educação e boas maneiras, não só me defenderam, como aplaudiram a reacção, transformando o impulso irracional num manifesto de altruísmo.

Nunca mais me esqueci daquela frase. «Tire-me isso daqui!», atreveu-se aquela mulher. *Isso* – «aquela coisa» que eu, a menina «normal», trazia pela mão. Hoje talvez lhe tivesse explicado que *isso* era o Tó, uma pessoa, diferente na imagem, nas suas possibilidades, um jovem tão afectuoso. Mas, na altura, tinha nove anos e cuspir-lhe foi a única coisa que me ocorreu. Aquelas palavras magoaram-me duplamente, não só pelo insulto, mas pela exibição de uma ignorância cruel, que eu constatava com alguma surpresa. Para mim, o Tó era o Tó. Ponto. E a senhora estava a esfregar-me na cara que o Tó, pela sua diferença, pelas suas características, era uma pessoa menor aos olhos dos outros.

Não sei se foi a primeira vez que me apercebi do significado na prática da palavra «discriminação», mas olhando para trás, talvez tenha sido. As convicções que tenho hoje, causas como a saúde materna ou o direito das meninas à educação, que defendo com um discurso às vezes inflamado, são resultado de uma aprendizagem consciente, somatório de informação e experiências vividas no terreno. Mas a atenção aos outros é uma coisa que vem de longe.



Que não tem a ver com a televisão, com os convites para abraçar projectos solidários ou com o meu papel enquanto Embaixadora de Boa Vontade do Fundo das Nações Unidas para a População (UNFPA). Tudo isso foi acontecendo, veio depois.

A minha mãe teve um papel fundamental. Não me lembro de algum dia me ter sentado ao colo para me falar de tolerância, racismo, violência, solidariedade ou igualdade de direitos. Os meus pais não tinham esse tipo de conversas comigo e com a minha irmã Marta.

Falávamos de tudo e mais alguma coisa, ficávamos muito tempo à mesa, a seguir às refeições, massacrávamos o meu pai com perguntas de cada vez que regressava de uma reportagem no estrangeiro, ouvíamos as conversas que mantinham com amigos, muitos deles jornalistas, como o Adelino Gomes, a Teresa Moutinho, com quem também passávamos férias. Mas nunca eram conversas intencionalmente formativas ou doutrinárias.

Eram os seus comportamentos e as suas acções que nos ditavam ensinamentos. A forma respeitosa como tratavam os outros e nos faziam ver como é sinal de inteligência estar-se atento às diferentes versões de cada história. A razão é muitas vezes difícil de apurar... Apercebia-me de algumas coisas, como a admiração que nutriam por Maria de Lourdes Pintasilgo, por exemplo, e apanhei a minha mãe a chorar em frente à televisão quando morreu Sá Carneiro – mas nunca soube em quem votavam.

Em muitos sábados, o meu pai estava a trabalhar e a minha mãe ficava em casa connosco. Sofria de enxaqueca crónica – problema que até hoje, por mais médicos que continue a consultar, ainda não consegui resolver – e às vezes tinha de se deitar no escuro até o pior passar. Habitúamo-nos a brincar em silêncio e ouvir a televisão baixinho. Lembro-me de cozer arroz e misturar com tudo o que havia no frigorífico para lhe levar ao quarto e de a minha mãe agradecer como se de uma tremenda iguaria se tratasse (ainda há pouco tempo me pediu que lhe fizesse aquele *prato*, «arroz com

todos»). Mas recordo-me ainda melhor de como, horas depois, já passada a dor de cabeça, nos preparava o lanche, com *scones* feitos por ela, tantas vezes com visitas, colegas da escola, filhos de amigos ou mesmo seus alunos.

O Tó, o menino-adulto agredido verbalmente na praia, não era alguém com quem me cruzasse apenas nas instalações da Crinabel, ou visse durante as férias da escola. Era visita de casa, companheiro de brincadeiras, um amigo.

A minha mãe sempre foi assim. Fazia parte do modelo pedagógico da Crinabel levar as crianças, os jovens, para todo o lado: iam ao café, à praia e a museus – «ousadia» que no início dos anos 80 ainda chocava algumas pessoas –, e a professora Lena gostava de os convidar a vir a nossa casa durante o fim-de-semana. Também os acompanhava em viagens, a propósito de encontros internacionais ou espectáculos do Grupo Crinabel Teatro, dirigido pelo actor e encenador Francisco Brás e um dos mais premiados a nível internacional. Um dia estava muito irritada porque os seus alunos tinham sido criticados lá fora por terem esperado que todos se sentassem antes de começar a comer. «Parecem criancinhas amestradas», disseram-lhe.

A minha mãe não via as coisas assim, respeitava as limitações dos seus alunos, mas era exigente. Pedia-lhes regras à mesa, tal como fazia connosco, e defendia que, isso sim, era tratá-los como iguais, respeitá-los na sua diferença.

## 2. Olhar à volta

Mais ou menos por essa altura, com nove anos, entrei na Escola de Dança do Conservatório Nacional. A minha mãe vinha de uma família muito ligada às artes, tinha o sonho da dança clássica e, além disso, achava que eu estava a ficar uma criança mais tímida, que me iria fazer bem.

Não consigo explicar essa mudança, mas a verdade é que eu, a rapariga endiabrada que aos três anos se levantava para ir à mesa dos adultos dizer à tia-avó que parecia um palhaço (a tia Margueritte era francesa, vestia-se sempre de branco e maquilhava-se muito...), comecei a crescer e a ficar mais reservada. O meu sangue goês nunca me deixou corar (o trisavô, pai da minha avó materna, o tenente-coronel Francisco Victor Cardoso, era de Goa) mas lembro-me de ser psicologicamente doloroso quando, num gesto tão simples, me davam umas moedas para a mão e pediam para ir comprar pão à padaria da rua.

A minha filha Maria Beatriz, de oito anos, ainda há dias desabafava: «Mãe, ter vergonha faz doer o peito, não é? Eu não gosto de ser envergonhada!» Era exactamente o que eu sentia, dor no peito.

Eu não queria ir para o Conservatório (ou achava que não queria) – mudar de escola já me obrigava a ter de enfrentar uma nova realidade. Mas fiz um compromisso com a minha mãe: fazia as audições e experimentava durante uma semana; se não gostasse, podia desistir. Assim foi. Inscreveram-me em piano e *ballet*, fiquei aprovada em ambas as provas e escolhi a dança.

Almoçávamos muitas vezes na cozinha, com a chaminé antiga de azulejos como testemunha e virados para a janela que dava para um pátio nas traseiras do prédio – a mesma janela que, ao longo dos anos, alimentou um vício terrível que ainda hoje tenho: o de espreitar para dentro das casas. E foi com a família sentada à volta da mesa que, no domingo seguinte, os meus pais solenemente perguntaram se afinal sempre queria continuar no Conservatório, mantendo a promessa de me deixar sair se fosse essa a minha opção.

Nessa altura, era já muito óbvio para todos qual seria a resposta: eu queria ficar. Não que o interesse pela dança tivesse despontado, assim de repente, fortíssimo. Mas logo numa das primeiras aulas, numa das salas forradas de espelhos e cobertas de linóleo azul no chão, enquanto fazíamos exercícios de barra, reparei nas crianças muito sorridentes lá ao fundo, no canto, mais extrovertidas que

eu. Gostei da sua descontração e da forma como rapidamente me incluíram no grupo, apesar de me mostrar tímida, com um ar bem-comportado (mais tarde, fui carinhosamente apelidada de *a betinha* e o grupo foi definido pelos professores como «muito coeso, forte e cheio de impulsividade juvenil»). A Ana Rita Barata, a Sandra Rosado, a Liliana Mendonça e a Rita Judas eram pequenas futuras grandes bailarinas.

A Sandrinha, para quem a dança é uma brincadeira tal a facilidade com que o seu corpo, extraordinariamente obediente, desenha os movimentos que lhe são pedidos, com os seus caracóis ruivos e gargalhadas irresistíveis; a Ana Rita, morena, curiosa e deliciosamente distraída; a Rita, pele de bebé e coreógrafa nata, mulher de batalhas; e a Liliana, maternal e inspiradora, bailarina de linhas que ficam suspensas no ar, foram as meninas mulheres com quem cresci. Estudámos juntas a vida: a primeira menstruação, o primeiro namorado, a primeira relação sexual, os casamentos, os filhos, os divórcios, segredos que guardamos no fundo dos nossos cacifos.

Entre cada disciplina, a azáfama era grande: havia que mudar de maiô, saias, sapatilhas, substituir cadernos... tudo em ritmo acelerado (um treino que veio a revelar-se muito útil para a minha profissão de apresentadora, já que muitas vezes tenho de trocar o penteado, a maquilhagem, o vestido, os sapatos e as jóias, no tempo reservado à publicidade). No Conservatório os dez minutos de intervalo tinham de chegar para todas as confissões, porque logo a seguir desfilavam mais aulas: técnica de dança clássica, dança moderna, música, dança criativa, dança de carácter, variações, pontas, *pas-de-deux*, história da dança, notação de movimento. Os balneários eram o nosso refúgio.

A energia contagiante daquelas quatro colegas conquistou-me logo na primeira semana e a minha intuição estava certa – ainda hoje são das minhas melhores amigas.

A Escola de Dança do Conservatório passou a ser uma segunda casa. O edifício de janelas altas, corredores misteriosos, bustos de

gênios das artes e escadas intermináveis do antigo Convento dos Caetanos – hoje, inacreditavelmente degradado, numa imagem triste de abandono que exige que se dêem ouvidos aos manifestos públicos para que se faça uma intervenção urgente – sempre me fascinou.

Guardo recortes de *O Diário* e do *Diário Popular* que recuam a 1986 com os títulos «Escola de dança reclama condições de ensino» e «Bailado na Manif». Eu apareço na fotografia de um dos jornais, à frente. Gritávamos: «Ministro à janela! Queremos novas dimensões para uma escola nova; exigimos a desinfecção dos sanitários e mais salas de aula!» A manifestação incluía excertos de bailados dos alunos das 12 turmas (dos 9 aos 24 anos), ao som de Chopin.

De segunda a sexta-feira, o som do piano encostado à janela, ouvia-se na rua e a imagem das raparigas esguias com o cabelo apanhado num carrapito, que por ali saltitavam vestidas de bailarinas, contribuía para essa poesia. Escrevi um dia uma letra sobre as recordações desses anos para uma música de Pancho Alvarez, editada no álbum *Aether*, da cantora Anabela – chamei-lhe «Ela é Dança».

Com dez anos feitos nesse Verão, entre as audições de ingresso e o início das aulas, passei a ser mais uma aspirante a bailarina: calçávamos os sapatos e saíamos só de casaco para ir à mercearia comprar iogurtes e fruta. O Conservatório dava para as traseiras do *Diário Popular*, havia sempre jornalistas, muitas pessoas por ali, e, nos intervalos, éramos parte integrante do bulício de um bairro que no resto do tempo olhávamos da janela. Nas aulas, sempre que ficava perto das vidraças, sentia-me fora e dentro desse Mundo, com o pensamento a vaguear pela rua e, ao mesmo tempo, a mão colocada na barra, redonda, de madeira, a atenção focada nos movimentos do meu corpo.

Cresci a ver o reflexo da minha imagem no espelho. Tinha a pressão da gordura, da exigência de uma forma física exímia e, sobretudo, da postura. Os corpos são todos diferentes e os movimentos

não saem iguais, mas no *ballet* clássico há regras de execução e um rigor russo na exigência e na procura da perfeição. Lembro-me do dia em que um professor me puxou pelo carrapito até que a linha da coluna atingisse o ângulo certo. As lágrimas corriam-me pela cara, doe horrores, mas nem sequer foi algo que eu tivesse contado em casa – percebia que havia em toda aquela dureza e disciplina uma espécie de código de compromisso dos bailarinos. Crescer a olhar para o espelho, todos os dias, a reparar na forma das ancas, do rabo, das pernas, nos centímetros ganhos ou perdidos, foi a parte mais complicada. Desde muito cedo fiquei consciente do meu corpo, da sua projecção nos outros – e só mais tarde percebi como essa percepção pode ser deturpada e quase tirânica.

A maturidade trouxe-me segurança, ensinou-me a valorizar a autenticidade e a ser menos severa comigo – libertou-me do peso do espelho, aquele que nos olha, que nos fixa.

Com o tempo, a dança acabou por se transformar num amor profundo. Apesar da admiração que sempre tive pela profissão do meu pai, quando em criança viajava até ao futuro, nunca me imaginei a fazer televisão, nem nunca pensei em ser jornalista. A televisão era o «trabalho do pai» e às vezes uma solução de «*babysitting* de emergência».

Ficava sentada no público a assistir ao *Fungagá da Bicharada* enquanto os meus pais iam tratar de alguma coisa e a minha primeira participação num programa em directo foi no dia em que decidi levantar-me da plateia e ir dizer ao Júlio Isidro que queria fazer chichi – devia ter uns quatro anos.

O microfone estava ligado e se calhar o destino ouviu. Mas a verdade é que cresci alheada das luzes que iluminam, para quem está de fora, o mundo da televisão, essas luzes faziam parte do meu dia-a-dia de criança. A vida acabou por pregar-me algumas partidas, mostrar-me novos caminhos. Mas, nessa altura, o meu único sonho era ser bailarina e mais tarde coreógrafa, intérprete das minhas criações ou criadora de movimentos para outros corpos.

Vivíamos no Bairro Alto, com um cão *grand danois* chamado *Ranky* (nome sugerido pelo meu pai, depois de eu lhe querer chamar Rão Kyao, por causa de um concerto deste músico que me levaram a ver), e tínhamos uma vida preenchida.

Os meus dias eram muito ocupados, com o Conservatório e a escola de ensino formal, comecei muito cedo a cuidar da minha irmã, para apoiar a nossa mãe, por causa das enxaquecas. Acor-dava de manhã, tomava banho e arranjava-me, fazia o meu penteado artístico, ajudava a Marta a vestir-se – ao domingo, punha a roupa em montinhos para toda a semana numa prateleira do armário, separada por dias, como ainda hoje faço com os meus filhos –, preparava-lhe o pequeno-almoço e enrolava-lhe o carrapito (a minha irmã também andou algum tempo no Conservatório, depois saiu. Voltou mais tarde para se formar na Escola de Teatro e Cinema).

Os meus amigos, o tal grupo que incluía também um elemento masculino, o Jorge, contribuía para que a rotina pesada dos dias carregados de aulas, na escola e no Conservatório, parecesse mais sustentável. Na altura ainda não existia o chamado «ensino integrado» e tínhamos uma carga horária absurda, com as disciplinas artísticas da Escola de Dança acrescentadas ao plano curricular. Corríamos o dia todo, Bairro Alto acima e abaixo, entre o Conservatório e a escola preparatória Fernão Lopes, primeiro, e depois, já em direcção ao Liceu Passos Manuel, descíamos a Calçada do Combro. Além das aulas, existiam os trabalhos de casa, os projectos em grupo, os testes e os exames artísticos.

Os nossos contextos não eram todos iguais.

As minhas amigas moravam longe, a Liliana vinha de Cascais, o Jorge apanhava o comboio da Linha de Sintra, e a Rita e a Sandrinha vinham da Margem Sul. Com dez anos, todos os dias chegavam de autocarro ao cais, atravessavam sozinhas o Tejo de barco e subiam a pé a Rua do Alecrim para estar a horas nas aulas da manhã; ao fim do dia repetiam o percurso em sentido inverso.

Acho que comecei nessa altura a ter uma noção muito clara de que as vidas são mais difíceis para uns do que para outros – mesmo fora daquela África das guerras e das crianças trabalhadoras que o meu pai me descrevia. Lembro-me de ter comentado algumas vezes que a vida das minhas amigas era mais dura do que a minha. Só eu e a Ana Rita morávamos em Lisboa. Eu era privilegiada: vivia no Bairro Alto, na Travessa das Mercês, duas ruas abaixo do Conservatório.

### 3. As mulheres do Bairro Alto

Levei comigo para a Escola de Dança os ensinamentos da minha querida professora primária, que me fazia festas na cabeça e tinha as mãos tão macias que, se hoje as apertasse, ainda lhes reconheceria a textura.

A professora Leonor percebeu cedo que eu era demasiado severa comigo e tranquilizava-me quando me via tropeçar na Matemática. Sempre fui melhor com as letras. Ao mesmo tempo que me incentivava a nunca desistir perante um desafio, a professora Leonor conseguia sossegar-me o medo de falhar, transmitindo-me a ideia de que não temos de ser excelentes em tudo e podemos e devemos explorar os nossos talentos (que todos temos); alertava-me para o facto de a recriminação poder ser paralisante, contraproducente.

Aos oito anos, ainda a frequentar a antiga terceira classe, fiquei doente com hepatite depois de ter ingerido água parada de um pequeno lago – dei uma queda, bati com o queixo e engoli inadvertidamente um golo daquela água, quando tentava bater o meu próprio recorde de atletismo, numa corrida veloz nos jardins do Museu do Traje.

Estive um ano lectivo completo em casa. Foi muito difícil, apesar das atenções familiares, dos imensos livros que me faziam companhia e das visitas assíduas e muito desejadas, recheadas de presentes e beijinhos, da minha madrinha, a tia Luísa.



Os recados ternurentos da professora Leonor foram determinantes para o resto, para que eu pudesse continuar a acreditar nas minhas capacidades. Para que não me sentisse excluída, diminuída. No 3.º período, já da quarta classe, com a sua caligrafia bem desenhada a prolongar as linhas das primeiras letras de cada palavra, concluía: «A aluna Catarina melhorou muito em relação ao 2.º período. Continua a preferir a Língua Portuguesa. Quanto à Matemática, lá vai fazendo..., mas com uma certa aversão. Espero que no ciclo não haja tão acentuada preferência. Desejo-lhe muitas felicidades para a nova fase que se inicia em Outubro. Não esquecer que é preciso estudar para vencer.»

Nunca esqueci.

Na Escola n.º 12 da Rua da Rosa éramos respeitados nas nossas particularidades, enquadramentos sociais e familiares. Lembro-me bem do Nelson (há pouco tempo deixou-me uma mensagem no Facebook que me fez sorrir de saudades), que se escondia atrás da sua enorme vocação para o desenho. A professora Leonor elogiava-lhe o jeito enquanto tentava orquestrar os seus tempos em diferentes compassos, porque a vida que cada um traz às costas tem quase sempre de ser trabalhada.

Os bons professores fazem isso, vão para além dos currículos escolares, das disciplinas obrigatórias, ultrapassam as regras para chegar ao essencial e, dessa forma, ficam em nós para sempre.

A timidez que me levou ao Conservatório acabou por se atenuar com o tempo. Os dias passaram a existir mais acelerados, mas eu continuei a ser alegre, a acordar todos os dias bem-disposta, a gostar cada vez mais de inventar cantigas, começando a ter coragem de soltar uns rasgos impulsivos de criatividade.

O meu pai chegava a esconder um gravador debaixo da mesa para registar conversas filosóficas que tínhamos em família ou mesmo actuações musicais, e eu guardo essas cassetes que ele me ofereceu para um dia as poder passar aos meus filhos.

É engraçado pensar nisso hoje, porque ao longo dos anos fui sendo várias vezes desafiada a escrever letras de canções, fiz algumas para o João Gil e para a Ala dos Namorados, escrevi a letra «Príncipe do Nada» para a Lúcia Moniz e também convenci o professor de música do jardim infantil dos meus filhos a editar um CD, para o qual criei o tema «João e Beatriz». O *hobby* acabou por se transformar numa pequena responsabilidade e é irracional o embate bom que acontece dentro de mim quando, por exemplo, oiço o Jorge Palma ou o Carlos do Carmo cantarem palavras que juntei para eles (nestes casos concretos, para séries televisivas e telefilmes).

Em criança não existia a vontade de agradar, era o imprevisto despreocupado, trocadilhos de palavras que fazia ao despique com o meu pai, numa competição tantas vezes inspirada nas frases de pernas para ar que o Manuel António Pina construía e nas letras do José Barata-Moura.

A minha mãe lembra-se de como eu encurtava, com canções espontâneas, os percursos de carro entre o Bairro Alto e Benfica – íamos muito a casa do Adelino e da Manuela Gomes e ficávamos a brincar, no meio de uma fumarada geracional, até tarde, mas nunca tarde o suficiente para acabar todos os jogos. Eu, a minha irmã, o João e o Pedro (uma espécie de irmão da mesma idade, hoje um excelente bailarino e coreógrafo internacional). Eu olhava pela janela quadrada e apertada do nosso *Renault 4 L* e tudo o que via servia de mote para trautear qualquer coisa, com mais ou menos graça e sem preocupações de afinação, fosse uma corda com roupa estendida ou um gato na janela (seria já o gato do tema que escrevi para as vozes da Sara Tavares e do Nuno Guerreiro, «Solta-se o Beijo»?).

Também inventava cantigas para a minha irmã, à noite, no quarto. Mas aí, eram sobretudo histórias, situações que me tinham acontecido nesse dia, episódios do domínio do fantástico e aventuras que provocassem as emoções. Permanecíamos de mão dada (até

a Marta ficar com o braço dormente) e eu esperava que adormecesse na cama de baixo, bem embalada.

Recordo essencialmente a vertigem de me sentir nas alturas e me deixar levar pela imaginação, uma sensação que não consigo descrever, mas que a dança também me proporcionava. Era como se dali, da cama de cima do meu beliche, eu conseguisse olhar para a vida a partir de um plano distanciado, de cima para baixo – um exercício que ainda faço e que me ajuda a avançar até à estação seguinte, imaginária.

Só muito mais tarde percebi que era eu quem adormecia sempre primeiro.

O nosso quarto ficava virado para as traseiras da casa e os barulhos da rua chegavam-nos de longe, muito abafados. Mas há um aflitivo som de vozes femininas que muitas vezes trespassa as memórias doces desses momentos antes do sono profundo.

À noite, o Bairro Alto transformava-se. Os cruzamentos dos bares ficavam mesmo ali ao lado, com a sua gente, gargalhadas, um alvoroço constante e, além disso, havia uma esquadra de polícia ao fundo da minha rua. Lembro-me de, com frequência, me aperceber dos gritos e de ir espreitar à janela da sala para ver o que se passava, vivíamos num primeiro andar. Os polícias arrastavam as prostitutas com violência, batiam-lhes, elas reclamavam com berros. Perturbava-me todo aquele espectáculo feio, sofria por elas.

Não sabia nada do que sei hoje sobre o mundo da prostituição e da violência sobre as mulheres, mas sentia que aquilo estava errado, independentemente dos motivos da detenção – eu estava do lado delas.

#### 4. Outros mundos

O meu pai saía com regularidade em reportagem, primeiro para a rádio e depois para a RTP. Ficava fora vários dias e eu sentia-lhe

a falta sempre que regressava da escola com coisas para contar ou quando tinha uma boa nota num teste. Na escola preparatória Fernão Lopes existia uma cabina telefónica e às vezes nem sequer esperava pelo final do dia. Tirava uma moeda do bolso e ligava-lhe para o trabalho a informar que a professora já tinha as avaliações e qual tinha sido a minha classificação.

Apesar de muito ternurento, o meu pai nunca deixou que o amor que tinha por nós lhe toldasse o sentido crítico e era exigente na transmissão de valores – o rigor, a honestidade, a lealdade... –, muito mais do que com as notas. Mas essa noção eu não tinha ainda na altura. Sentia o peso da responsabilidade e um imenso orgulho em lhe reportar um Muito Bom. Era um ritual: sentir a moeda a cair, marcar o número da RTP, ouvir a minha voz a dar a notícia e depois receber uma palavra de aprovação do outro lado da linha. Precisava disso.

As saídas do meu pai faziam parte da rotina. Ia, estava ausente durante uns dias, e depois voltava, às vezes com presentes, quase sempre com peças de artesanato na mala que serviam de ponto de partida para contar histórias de países longínquos, em África ou na América Latina, no Brasil ou no Japão. Muitas vezes as reportagens eram feitas em países em guerra ou convulsão política, mas era essa a sua profissão e para mim tudo aquilo fazia parte. Não havia comunicações como agora, telefonava para casa de quando em quando a dizer que estava bem e eu não tinha a percepção dos riscos que poderia correr.

Só por uma vez senti realmente medo.

Era suposto já estar na cama àquela hora, as aulas começavam cedo no dia seguinte. Mas nessa noite não adormeci logo. Percebi que algo se passava, apesar de não saber bem o quê, e a certa altura levantei-me. A porta da sala, ao fundo do corredor, estava fechada. Lá dentro, a minha mãe falava ao telefone com alguém da RTP e eu sentia-lhe um nervosismo e uma irritação na voz que nunca lhe tinha ouvido antes. Colei o ouvido à fechadura e deixei-me ficar, calada, a ouvir a conversa.